

**OS ORIXÁS FEMININOS E A MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA
EM “A ORELHA DE OBÁ”, DE ZORA SELJAN**

Jaine Alcantara Pereira (UNEB)

jainealcantarauneb@gmail.com

Gildecil de Oliveira Leite (UNEB)

gildecil.leite@gmail.com

RESUMO

“Os orixás femininos e a mitologia afro-brasileira em ‘A orelha de Obá’, de Zora Seljan” é uma pesquisa parte de resultados do subprojeto de Iniciação Científica “A orelha de Obá”, de Zora Seljan, que compõe o projeto “Xangô, a Corte de Orixás, Inquices e Vodun: Experiências Poéticas e Narrativas” do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) e coordenado pelo Professor Gildecil de Oliveira Leite. Os desígnios dessa pesquisa são abordar aspectos da mitologia afro-brasileira presentes em “A orelha de Obá”, terceira peça que constrói a trilogia de “3 mulheres de Xangô” de Zora Seljan (1958) e a apresentação dos orixás femininos em uma situação de conflito dentro da obra, sendo exibidas como mulheres independentes, autônomas e resistentes, mas ao mesmo tempo, perpetuam determinadas condutas marcadas e submetidas por uma sociedade patriarcal. Assim, objetivamos através desse estudo trabalhar a análise tendo como operador teórico principal o conceito literatura de axé. Portanto, a partir de recortes da obra e de aspectos mitológicos afro-brasileiros, os quais foram apresentados cuidadosamente para realização de cada ato, há a representação metafórica de universo que unem aspectos da cultura de diferentes etnias africanas, compostas em solo brasileiro, mas mantendo, claro, o segredo, contribuindo para a consolidação desta literatura.

Palavras-chave:

Orixás. Zora Seljan. Mitologia afro-brasileira.

ABSTRACT

“The female orixás and the Afro-Brazilian mythology in ‘The ear of Obá’, by Zora Seljan” is a research part of the results of the Scientific Initiation subproject “The ear of Obá”, by Zora Seljan, which composes the project “Xangô, the Court of Orixás, Inquices and Vodun: Poetic and Narrative Experiences” of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC), supported by the Research Support Foundation of the State of Bahia (FAPESB) and coordinated by Professor Gildecil de Oliveira Leite. The purposes of this research are to address aspects of Afro-Brazilian mythology present in “A ear of Obá”, the third piece that builds the trilogy of “3 women from Xangô” by Zora Seljan (1958) and the presentation of female orixás in a situation of conflict within the work, being shown as independent, autonomous and resistant women, but at the same time, perpetuating certain behaviors marked and subjected by a patriarchal society. Thus, we aim through this study to work the analysis having as main theoretical operator the concept of axé literature. Therefore, based on excerpts from the work and Afro-Brazilian mythological aspects, which were carefully

presented for the performance of each act, there is a metaphorical representation of a universe that unites aspects of the culture of different African ethnic groups, composed on Brazilian soil, but keeping, of course, the secret, contributing to the consolidation of this literature.

Keywords:

Orixás. Afro-Brazilian Mythology. Zora Seljan.

1. *Autoria e Literatura de Axé*

A autora Zora Seljan embora seja brasileira, é de descendência croata, nasceu no dia 07 de dezembro de 1918 na cidade de Ouro Preto, Minas Gerais. Em seu percurso profissional foi dramaturga, cronista, jornalista entre outras ocupações. Sua trajetória está ligada a distintas áreas da criação e produção teatral. Fundou o Grupo Folclórico Teatro de Oxumarê e um grupo de teatro de fantoches; criou programas de teatro para T.V.; assinou a coluna de crítica teatral do jornal O Globo, publicou livros de diversos gêneros literários, contribuiu para a realização do I Congresso de Trovadores e Violeiros (Salvador, 1955); teve peça ilustrada por Carybé, livro prefaciado por Jorge Amado e peças traduzidas e encenadas em outros países.

Seljan apresenta todo o universo mitológico afro-brasileiro de forma cuidadosa e respeitosa, considerando a cultura e a ancestralidade, e é com base neste respeito com o objeto de pesquisa que é considerada como uma autora de axé. Segundo Leite (2018, p. 139), “autores e autoras de axé autorizados a verem os segredos, se autora ou autor de axé de fato, só falarão aquilo que foram autorizados a falar”.

Esses autores transformaram parte da estrutura social, inserindo valores da cultura e mitologia afro-brasileiras na sociedade através da ciência e das artes.[...] Como amigos e/ou membros, filhos da casa, e com acesso aos meios de canonização e de comunicação de massa, cabia, então, também, a eles não se deixarem depreciar. O cuidado com o dito e o escrito mantém o compromisso com a verdade, a preservação do segredo e o respeito ao objeto pesquisado. (LEITE, 2018, p. 137)

Com um olhar de quem é de dentro, a autora possibilita que os leitores, através de suas obras, tenham acesso e conhecimento referente ao universo mitológico afro-brasileiro, mas claro, de uma forma que não revele o segredo, apresentando somente o que lhe era permitido. E a maestria, objetividade em apresentar detalhadamente aspectos da mitologia afro-brasileira, os orixás, rituais, danças, todas essas características em suas narrativas, não se dava somente através de pesquisas, mas também

pelo contato direto com o universo ancestral, visto que era iniciada no candomblé, fazia parte do terreiro tradicional Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador.

Zora faz questão de detalhar cada ato das peças, as escolhas das músicas, das danças as coreografias, cenários, cores, figurinos, todos esses elementos e aspectos deveriam ser familiares para os atores, os personagens, para que tudo ocorresse de forma impecável. Seljan buscava unificar os seus conhecimentos, acerca da mitologia e cultura afro-brasileira, com o universo teatral.

Assim, a identificamos como uma autora de axé, pois essas devem ter responsabilidade com a cultura, para que possa chegar ao conhecimento de todos, mantendo sempre a preservação do segredo. A autora Zora Seljan, tendo vínculo com o candomblé, religião de matriz africana, teve grande propriedade para expressar sobre a temática em suas obras, mas de uma forma que somente o que lhe é permitido seja exposto. O que contribui para a consolidação desta literatura.

2. A orelha de Obá

A terceira peça da trilogia “3 mulheres de Xangô”, “A orelha de Obá” composta por vários cantos e danças rituais do Candomblé, apresenta o enredo de como este orixá (Obá) perde sua orelha. Zora Seljan, autora da obra, exhibe diferentes maneiras de contar os mitos sobre Obá, deusa guerreira e mulher mais velha de Xangô. Por meio do coro e por sua voz, são dadas algumas possibilidades para explicar como Obá perde sua orelha. Alguns respondem que foi Iansan⁴⁵, e outros respondem que foi Oxum, dizendo que Obá “cortou sua orelha para conquistar o amor do orixá do trovão”. Outros ainda dizem que “Depois que Iansan perdeu a orelha passou a se chamar Obá”.

A história de como Obá perde sua orelha é contada principalmente por duas narrativas. Uma das versões do mito, é que desejando agradar e ter a atenção de seu esposo Xangô, Obá procura uma maneira de descobrir o segredo de Oxum para receber tanta atenção de Xangô, algo que ela já não tinha. Obá vai até a casa de Oxum e mexe nas panelas a procura do suposto segredo. Oxum, que gostava tanto de se embelezar, quanto de

⁴⁵ Optamos por adotar a grafia utilizada por Zora Seljan (1958), mas a grafia atual ao se referir a este orixá é Iansã.

inovar as refeições com atraentes aparências, procurando agradar seu esposo, colocara um cogumelo com uma pérola dentro da panela. Oxum está usando um turbante onde escondia suas orelhas. Obá ao ver a comida acredita que seja uma orelha, orelha de mulher. E considera fielmente ter descoberto o segredo de Oxum para Xangô tanto desejá-la. Já irritada com todas provocações e intromissão de Obá, Oxum não nega a história e ainda adiciona mais “informações”, dizendo ser sua orelha direita, que a cortou e a colocava sempre na comida, deixava dar umas fervuras e guardava novamente dentro do sal, para não estragar. Obá sai rindo, achando que descobriu o grande segredo. Cenas seguinte, quando Xangô se encontra com Oxum e faz gesto de abraçá-la, Obá entra em cena com um prato de comida na mão e ajoelha entre os dois. Sua cabeça está enfaixada e toda ensanguentada, Xangô a despreza.

No enredo de outras versões do mito, Obá é apresentada como uma guerreira, a orixá que guiou o exército de Xangô na guerra contra os Mucurumins e como uma curandeira, “a mão de Obá cura as doenças” (SELJAN, 1958, p. 209), ajudando os enfermos. As falas de três homens do exército por Obá mostram uma relação contraditória no que diz respeito à posição social desta mulher. Enquanto as falas do 2º e o 3º homem exaltam os feitos de Obá e dizem que devem obedecê-la “porque ela é mais forte e melhor do que todos” (SELJAN, 1978, p. 190), as falas do 1º homem são direcionadas a desvalorizar Obá, dizendo: “Os guerreiros estão cansados de obedecer a uma mulher” (SELJAN, 1978, p. 190).

No desenvolvimento do enredo, o 1º e o 2º homens lutam por causa de uma espada, cada um buscando para si a posse da mesma. Obá entra no meio da luta para apartá-la e desafia o 1º homem, que é vencido por Obá e morre. Nesta luta, Obá perde sua orelha e diz: “Mais vale o braço que empunha a arma do que a orelha que só pode aguentar uma frágil argola” (SELJAN, 1978, p. 195), sem choros nem lamentações. Xangô, sabendo que o exército liderado por Obá se localiza próximo do seu reino, o convida para repousar em seu palácio. Obá manda o 2º homem dizer que não pode aceitar o convite, porque os guerreiros estão com peste. Xangô não acredita nesta mensagem e envia pelo 2º homem um bálsamo de marisco e taioba para curá-la, e só se levantaria de seu trono para abraçá-la. Obá usa o bálsamo e vai com seu exército ao palácio de Xangô. Ela de cabeça baixa o cumprimenta, com o pano enrolado em sua cabeça e tenta esconder-lhe o ferimento. Xangô ordena que ela tire a venda, tirando o capacete e desatando o pano, ao mesmo tempo que apalpa a ferida Obá exprime admiração, pois a orelha tinha crescido novamente.

Dentre os contrastes entre as duas versões do mito a respeito da perda da orelha por Obá, podemos perceber que na primeira narrativa, aparecem mulheres, brigando por causa de um homem, Oxum e Obá se desentendendo por conta da atenção de Xangô. Na segunda narrativa, nós temos a figura de uma mulher guerreira, Obá aparece comandando um exército, embora sua posição como comandante não seja totalmente aceita, justamente por ser mulher. Mas, mesmo sendo Obá uma guerreira e curandeira, no fim, quem lhe cura é um homem, Xangô, que por outro lado não mais a despreza, mas a ver como uma rainha, guerreira e forte, apreciando e desejando sua companhia.

A forma com que a autora apresenta os orixás femininos dentro da obra, permite que as leitoras se identifiquem nas condutas, personalidades e representação destas. Cada deusa possui um grande potencial de emancipação, mas também uma necessidade de submissão ao deus masculino. Exibidas como mulheres independentes, autônomas e resistentes, mas ao mesmo tempo, perpetuam determinadas condutas marcadas e regidas por padrões patriarcais. Existe então um conflito no que se refere a apresentação dos orixás femininos, que por horas são mulheres fortes, independentes, autônomas, criando seus espaços de resistência e ao mesmo tempo se submetem e perpetuam atitudes fortemente arraigadas no patriarcalismo.

É preciso salientar que não estamos sendo anacrônicos e fazendo comparação com a sociedade atual e com outras culturas, respeitamos o tempo e os aspectos da cultura onde a narrativa foi construída.

3. Considerações finais

Em uma sociedade marcada pelo machismo, Zora Seljan é uma das poucas mulheres a ocupar o espaço dramaturgico de sua época. A voz e caracterização de seus personagens femininos ecoam a força da mulher não somente dentro da obra, mas para a sociedade e vivências pessoais ao se destacar em uma área predominantemente dominada por homens, citando a própria autora, “somos mulheres fracas e vencemos o inimigo” (SELJAN, 1958, p. 94).

A autora, Zora Seljan, demonstra grande cuidado e respeito com o objeto pesquisado, o que a intitula fundado nisso, uma autora de axé. Como verdadeira autora de axé explicita o que lhe é permitido, o que lhe convém demonstrar, mantendo o segredo com o sagrado. Suas escritas apresentando cuidadosamente os deuses e o universo mitológico afro-

brasileiro são de fundamental importância para que a sociedade conheça, compreenda e respeite as culturas de matriz africana que são raízes de nossa história, sobretudo as religiões, que ainda hoje são alvo de intolerância e discriminação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEITE, Gildeci de Oliveira. *Pensamento Insurgente: direito à alteridade, comunicação e educação*. Salvador: EDUFBA, 2018.

SELJAN, Zora. *3 mulheres de Xangô: teatro*/Zora Seljan. Rio de Janeiro: GRD, 1958.

MESQUITA, Priscila de Azevedo Souza. Intersecções e Distanciamentos da Agenda Feminista da Produção Dramatúrgica e Teatral de Zora Seljan. Seminário Internacional Fazendo Gênero. 11º e 13º Congresso Mundial de Mulheres. Anais Eletrônicos, Florianópolis, 2017.